

Padre Vieira e o Debate acerca dos “Encobertos”:

D. João IV ou D. Sebastião?

Priest Vieira and the Debate on the “Veiled”:

D. João IV or D. Sebastião?

Beatriz Helena Domingues

Universidade Federal de Juiz de Fora

Leonardo Soares Barbosa

Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO: O tema das profecias é um dos que merece uma atenção especial entre os estudiosos do padre Antônio Vieira. Neste artigo, abordamos algumas influências, bem como motivações proféticas de Vieira ao longo de sua vida, que tiveram reflexos em seus escritos. Destacamos como algumas partes das trovas de Bandarra, o milagre de Ourique e da *História do Futuro* se fizeram posteriormente presentes em *Esperanças de Portugal* sobre o papel de Portugal para o advento do Quinto Império. Nesta obra Vieira defende fervorosamente a tese da ressurreição de D. João IV e que este seria o Encoberto, aquele que levaria Portugal novamente às grandes conquistas. Este ponto de vista foi defendido por autores como Nicolau Bourey e questionado por autores anônimos que divergiam dela, localizando o Encoberto em D. Sebastião, que poderia estar vivo e mais facilmente desempenhar tal papel. Tentamos mostrar que, embora Vieira tenha se tornado o mais conhecido profeta da restauração e mesmo da expansão portuguesa sob Dom João IV, ele competia com outras interpretações, especialmente o sebastianismo, com a qual ele mesmo chegou a concordar em seus escritos de juventude.

PALAVRAS-CHAVE: Padre Antônio Vieira; Joanismo; Sebastianismo; Profecias.

ABSTRACT: Among scholarly studies of the writings of priest Antonio Vieira, the theme of the prophecies is one that has been attracting significant attention. This article approaches some prophetic influences, as well as prophetic motivations, that were reflected in Vieira's works during different phases of his life. It emphasizes parts of Bandarra's ballad, the Miracle of Ourique, and the *History of the Future*: all of which influenced his *Esperanças de Portugal* (Hopes of Portugal) where he confirmed the role of Portugal in the advent of the Fifth Empire. In *Hopes of Portugal* Vieira defended strongly the thesis of Dom Joao IV as being the yet veiled, but the one who will bring Portugal back to its great conquests. The same point of view was defended by authors such as Nicolau Bourey, and questioned by anonymous authors who localized the savior in Dom Sebastião, as he could still be alive and easily play such a role. We try to show that, although Vieira had become the most known prophet of the revival of the Portuguese power under Dom João IV, he competed with other interpretations, especially Sebastianism (defenders of Dom Sebastião), with which Vieira himself had agreed in his early works.

KEYWORDS: Priest Antonio Vieira; Joanism; Sebastianism; Prophecies.

INTRODUÇÃO

A profecia vieiriana é um dos temas da produção do jesuíta que merece uma atenção especial de nós estudiosos. Neste trabalho, iremos abordar um pouco do conteúdo de algumas profecias, mostrando influências que Vieira recebeu ao longo de sua vida para a formulação de seus escritos. Enfatizaremos parte das trovas de Bandarra, do milagre de Ourique e da *História do Futuro*, para posteriormente abordarmos um importante debate sobre a profecia de Vieira contida em sua carta *Esperanças de Portugal*, que engloba autores como Nicolau Bourey, que concordam com a tese de Vieira e também autores anônimos que divergem do conteúdo presente nesta carta.

Entre as crenças messiânicas e milenaristas existentes em Portugal e de extrema importância para a formulação dos escritos proféticos do jesuíta, se encontram as crenças nas “profecias de Bandarra” e no “milagre de Ourique”. As primeiras são atribuídas a um homem do século XVI chamado Gonçalo Annes Bandarra, sapateiro de origem humilde que nasceu em Trancoso, pequena cidade comercial da região das Beiras, e lá se destacou como intérprete das Sagradas Escrituras, em especial das profecias nelas presentes para os cristãos novos que viviam na região. Há um “clamor” profético e messiânico característico de suas trovas ou profecias, que se relaciona com o retorno do Rei Encoberto, aquele que levaria de Portugal a todos os povos o cristianismo. Elas ganham força justamente quando D. Sebastião desaparece em uma de suas expedições pela África, no intuito de retomar a expansão ultramarina e recuperar as possessões em terras africanas. Bandarra será considerado como o autor da “Bíblia” do Sebastianismo, sendo relido por letrados portugueses seiscentistas, como foi o caso do padre Vieira, que interpretará o Encoberto do qual fala Bandarra como sendo D. João IV.¹

O “milagre de Ourique” narra um evento ocorrido em julho de 1139, um ano antes de D. Afonso Henriques de Borgonha assumir o título de rei, quando os cristãos conquistam uma

esplêndida vitória numa batalha na qual seu oponente era simplesmente o mais numeroso exército mouro que já existiu. Já a partir do século XV este episódio ganhou contornos milagrosos, tornando-se marco do início da nacionalidade. Ele mostrava como um país tão pequeno conseguiu obter vitórias tão grandiosas. A aparição de Cristo a Afonso Henriques antes da batalha teria sido o sinal de intervenção sagrada no destino glorioso reservado a Portugal.² Utilizando este evento, Vieira explicaria, então, o papel a ser desempenhado por Portugal na história mundial que ocorreria por “vontade divina”.³ Deste modo, mesmo Portugal estando no século XVI em uma situação inferior com relação a alguns países europeus, ele poderia obter, na visão do profeta Vieira, numerosas conquistas, para estabelecer o seu tão sonhado *Quinto Império* do mundo.

Para detalhar o advento deste império, o jesuíta redige, a partir de 1649, a sua *História do Futuro*⁴, que nem sequer chegou a ser terminada, mas somente esboçada. Por isto, o que se tem hoje escrito é o chamado Livro Antepimeiro, que seria apenas um prolegômeno da obra em si, mas que, no fim da vida, devido à imensa dedicação à sua redação, Vieira já qualificava como sendo a própria *História do Futuro*. Ela trata do papel central que Portugal teria sobre o futuro “reino terrestre”, ou o *Quinto Império* do mundo, que seria o de Cristo na terra, que se estabeleceria no ano apocalíptico de 1666. Seria um reino de aproximadamente mil anos, tanto no âmbito espiritual quanto no temporal, anunciando a chegada do anticristo, cuja atuação precederia ao Juízo Final. O governo não seria exercido diretamente por Cristo, mas pelo papa de Roma e pelo rei de Portugal (seus dois vigários).⁵

Em Vieira, a história contemporânea de Portugal é uma confirmação, uma atualização das histórias narradas pelas Sagradas Escrituras. Vários acontecimentos pelos quais passou e passava o país, estariam preditos por elas. Bandarra é tido por ele como o verdadeiro profeta de Portugal, que não só predisse a sujeição portuguesa ao domínio espanhol e sua posterior libertação, como

também precisou o ano em que estes fatos ocorreriam e quem seria o seu principal protagonista “com todas as circunstâncias tão miúdas e particulares”. O ano era 1640, quando se levantaria o novo rei de Portugal, cujo nome era Dom João IV.⁶ Por isto não adianta de forma alguma, na opinião dele, tentar ir contra o que afirmam as profecias, confirmadas por vários trechos bíblicos e por palavras de autores confiáveis.

Há uma persistência, no argumento de Vieira, da prevalência de Portugal em relação aos outros países existentes no que se refere ao seu futuro glorioso. A forma como ele mostra isto leva em consideração as circunstâncias dos tempos passados, presentes e dos que estão por vir. Todas são abordadas a seu favor, ou seja, reforçando o papel messiânico em benefício da nação portuguesa. Até mesmo as conquistas dos portugueses têm uma razão de ser, uma raiz bem antiga, que já os colocava como os “escolhidos” para o domínio mundial. Segundo Vieira, o primeiro português no mundo foi Tubal⁷, conforme o décimo capítulo do livro do Gênesis, sendo este o quinto filho de Jafé, em que se verificou a benção de seu avô Noé. Nele, se cumpriu a profecia e promessa feita a seu pai Jafé de que só os portugueses, descendentes e sucessores de Tubal, conquistariam as quatro partes do mundo.⁸

1. O ENCOBERTO D. JOÃO

Para Vieira, a história de Portugal vem mostrando que em todos os momentos em que a situação do país se tornava crítica, a intervenção divina se manifestava, e de maneira decisiva, em favor dos portugueses. As palavras de Cristo, ditas a Afonso Henriques na véspera da batalha no campo de Ourique contra o rei mouro Ismael, por exemplo, têm estreita relação, são a prova de uma aliança entre Deus e a nação portuguesa, selada na promessa da sucessão dinástica. Cristo, neste contexto, se encontra extremamente comprometido com a descendência dos reis portugueses e com o destino histórico da monarquia fundada a partir do

primeiro Afonso, já que Ele afirmava ser Portugal a Sua nação.

Estas argumentações, em Vieira, são inseparáveis da grande questão referente à busca por um rei esperado, na época da Restauração, período ideal para se acreditar na existência de um rei Encoberto, mito do qual este jesuíta se tornou o maior intérprete. Este processo de ocultamento, inevitável quando Deus se figura no mundo, seria feito a partir de um favorito da Providência, destinado a ter um papel fundamental no fim da história humana. Esta pessoa, na visão de Pécora, é a cabeça do corpo místico do Estado e de forma alguma um ser individual cuja posição não pudesse responder pela totalidade hierárquica da nação. Esta pessoa humana, na visão de Vieira, vai responder “tanto à esperança humana na participação no Ser, quanto aos desígnios intocáveis do Ser para com suas criaturas”.⁹ A identidade do Encoberto variava na visão de Vieira¹⁰, não era de forma alguma imutável, já que ele vivia disposto a alterar o Ungido e escolhido por Deus, embora jamais se modificasse a condição verdadeiramente real dele, nos termos do próprio conceito da sucessão dinástica. O ponto decisivo é que caberia a ele ir à frente e colocar em marcha o futuro universal da cristandade.¹¹

Caberia aqui mencionar um debate proposto por José van den Besselaar acerca das profecias e das polêmicas surgidas a partir destas interpretações de Vieira, principalmente com relação à identidade do Encoberto. Na carta *Esperanças de Portugal*, escrita em 1659, enviada a partir do Maranhão ao padre André Fernandes, confessor da rainha regente e bispo nomeado no Japão, o jesuíta defende fervorosamente que seria D. João IV o Rei esperado, que ele ressuscitaria e levaria Portugal novamente às grandes conquistas. Nicolau Bourey, natural da Bélgica, mas radicado em Lisboa há muito tempo, foi praticamente o único que apoiou esta tese de Vieira. Contrapondo-se a eles, dois autores anônimos¹², sebastianistas ortodoxos, redigiram papéis fazendo críticas diretas à forma como Vieira interpretava os escritos de Bandarra na referida carta.¹³

Segundo Besselaar, este escrito de Vieira só tinha aparência de carta, pois é visível que o jesuíta ambicionava atingir um público mais amplo, mesmo dizendo repetidamente que se tratava de uma carta secreta, ou seja, era aquilo que os estudiosos dos jesuítas chamavam de cartas edificantes.¹⁴ Embora possa não parecer crível que André Fernandes, confrade de Vieira, advertido de só mostrar a carta à rainha, quebrasse o sigilo, emprestando-a para outras pessoas. Mas foi o que fez, repassando a carta a qualquer pessoa que quisesse ler ou copiar. Daí Besselaar concluir que tudo levava a crer que este sigilo existia apenas na fantasia de Vieira.¹⁵

Em 1660, o Conselho Geral do Santo Ofício expediu uma ordem ao bispo do Japão para que comparecesse diante da Mesa e lhe entregasse um papel intitulado *Esperanças de Portugal*. Tal ordem seria inconcebível se este escrito de Vieira não tivesse certa divulgação. É pouco provável que o Santo Ofício soubesse de um segredo entre a rainha e o seu confessor se ele não tivesse “vazado”.¹⁶ Este é um excelente indicativo de que a carta passava de mão em mão e que era muito comentada. Todas as reações com relação a este papel pressupõem uma larga divulgação, fato que, a nosso ver, foi muito bem planejado por Vieira, sem que ninguém soubesse exatamente como. É bem provável que o jesuíta tenha autorizado o seu copista em São Luís a tirar algumas cópias dela e enviá-las à metrópole.¹⁷

Em julho de 1660, Nicolau Bourey, então na prisão do Limoeiro, tomou conhecimento do Papel e em plena concordância com a tese de Vieira, escreveu outro papel, intitulado *Para os Incrédulos da Ressurreição Del Rei Dom João Quarto*, reconhecendo a ressurreição de D. João IV e lamentando o fato dela ser tão pouco aceita em Portugal. Porém, segundo Besselaar, não teve muita habilidade em escrevê-lo e nem teve o consentimento do próprio Vieira, que disse abertamente não ter gostado do que leu.¹⁸

Este escrito, bem como os outros dois anônimos contra Vieira, tem por base as profecias de Bandarra, porém cada um

argumentando em prol de diferentes teses. O principal trecho enfatizado por Bourey foi:

Já o tempo desejado é chegado, segundo o formal assenta; já se passam os corenta, que se ementa por um doutor já passado. O Rei novo é acordado, já dá bravo, já arressoa o seu pregão, já Levi lhe dá a mão contra Siquém desmandado. E segundo tenho ouvido e bem sabido agora se cumprirá; e desonra de Diná se vingará, como está prometido.¹⁹

Após a morte de D. João IV, Bourey reconheceu ter feito pouco caso das trovas de Bandarra, porque não as entendia. Mas, depois de ter lido a carta de Vieira, que é citada várias vezes em seu texto, ele as compreendeu e fez críticas a muitos apaixonados por D. Sebastião, que explicavam e interpretavam as trovas do seu jeito, o que lhe confundia a cabeça. Vieira, a seu entender, já havia mostrado com clareza a veracidade da profecia de Bandarra acerca do ano quarenta, *o novo Rei alevantado antes que cerrasse este ano e alguns pormenores deste período, profecias presentes nas trovas 72, 87, 88, 89, 90, e 103, todas elas cumpridas, o que legitima ainda mais o argumento vieiriano presente neste papel de Bourey.*²⁰

No texto de Bourey, fica evidente que ele não considerava o contexto vivido por Portugal um período profícuo para o país. Seus pensamentos fluuavam sobre muitos males passados, sobre o grande bem do milagroso socorro de Elvas²¹ e, contemporaneamente, “sobre as pazes concluídas e celebradas entre as duas coroas de Espanha e França”, no Tratado de Pirineus, em novembro de 1659, que excluía Portugal. Porém, com o conhecimento da carta de Vieira, em 1660, Bandarra, antes desacreditado e considerado herege por Bourey, passa a ser visto por este como o verdadeiro profeta de Portugal.

A tese de Vieira sobre as trovas de Bandarra é explicada e retificada por Nicolau em frases como “O Rei novo é acordado” (trova 99), trocando acordado por ressuscitado; “é elegido e

escolhido” (trova 100). O nome do Rei é comparado à figura do Leão: “Já o Leão é esperto, mui alento”²² (trova 75), pois é esperto para tomar os portos de Além, em África, Marrocos e Tremecém.²³ Com estas interpretações proféticas, percebe-se claramente a convergência desta tese com a proposta feita por Vieira em sua *História do Futuro*: a de que o Rei Encoberto (neste caso, D. João IV) levaria Portugal ao sucesso nas conquistas e à constituição do Quinto Império do mundo.

Bourey faz um questionamento que, segundo ele, Vieira não havia feito: qual a razão por que a Praça de Olivença foi entregue quase que sem resistência, contra toda a razão política e militar, e acompanhada da fatal campanha de 1657? A razão seria que o papa Alexandre 7.º:

tinha limitado tempo e advertido a el-Rei Católico que, se naquela campanha de 657, depois da morte del Rei D. João o 4.º, não fizesse obra de consideração tocante de sojeitar ao Reino de Portugal, havia de reconhecer e confirmar os bispos a el-Rei Dom Afonso, que Deus guarde.²⁴

Bourey justifica desta forma o fato de Deus ter permitido que a Praça de Olivença se entregasse tão facilmente e que a campanha fosse tão decepcionante. Pois o reconhecimento do papa estava reservado a D. João IV, motivo pelo qual não aconteceu com D. Afonso, pelas razões explicitadas acima.

Por fim, termina seu argumento pedindo ânimo aos portugueses, garantindo-lhes que “nos vossos ombros corrobora e está determinado e decretado o Quinto Império do Mundo, profetizado pelo celebrado Gonçalo Annes Bandarra” e explicado por Vieira em sua carta. Estas profecias reforçam o juramento do “nosso primeiro e sancto Rei” D. Afonso Henriques, jurando nas Cortes de Coimbra o que Cristo lhe disse: “Quero em vós e em vossos descendentes fundar e estabelecer um Império”.²⁵ Elas convergem com a argumentação de Vieira em sua *História do Futuro* quando

afirmava haver uma aliança entre Deus e a nação portuguesa, selada na promessa da sucessão dinástica. Cristo, neste contexto, se encontra extremamente comprometido com a descendência dos reis portugueses e com o destino histórico da monarquia fundada a partir do primeiro Afonso, já que Ele afirmava ser Portugal a Sua nação.²⁶ Tal eleição e conseqüente providencialização do que Pécora vai chamar de corpo místico da nação, entre todas as outras existentes, legitima a garantia divina de sucessão hereditária de seu príncipe.²⁷

2. O ENCOBERTO D. SEBASTIÃO

O papel de um autor anônimo intitulado *Ante-Vieira*, nos parece dotado de maior rigor metodológico do que o escrito por Bourey. O autor apócrifo exhibe uma vasta cultura teológica e canônica. Em seu depoimento, Bandarra não era tido como o verdadeiro profeta de Portugal, como apontara Vieira. Pelo contrário, existiram outros profetas do Quinto Império que mereciam consideração por sua reconhecida santidade. Isto, porém, não o impedia de reconhecer a importância de Bandarra como fazia Vieira, nem de “interpretá-las com toda a seriedade”.²⁸

O autor deste escrito tinha um discurso totalmente favorável a D. Sebastião e não era grande admirador de D. João IV. Homenageou este rei como o restaurador da independência, mas não fazia nenhuma questão de vê-lo ressuscitado. Enxergava Vieira como alguém sutil, engenhoso, “capaz de defender qualquer causa que lhe conviesse: sua rica fantasia, qualidade louvável num pregador, chegava a prejudicá-lo como autor de tratado científico”. O que movia Vieira a escrever em favor de D. João IV, segundo este autor, era a sua gratidão para com este rei, que tanto o apoiou e confiou em seu talento como pregador e diplomata.²⁹

A principal argumentação presente no *Ante-Vieira* era a de que era mais plausível acreditar que D. Sebastião ainda estivesse vivo – já que ninguém (e principalmente Vieira) não poderia provar o contrário –, do que em uma possível ressurreição de

um rei já morto e enterrado. É claro que o autor não nega a possibilidade de Cristo, com todo o seu poder, ressuscitar um homem morto, mas para ele, parecia muito mais fácil re-aparecer um rei ausente.³⁰

O autor de *Ante-Vieira* utiliza as mesmas trovas de Bandarra que Vieira e Bourey explicitaram em seus textos, porém com um enfoque bem distinto deles: buscava refutar as provas do silogismo empregado por Vieira em sua carta. O primeiro argumento utilizado pelo anônimo diz respeito a pouca fé no reinado de D. João IV e na trova 119 de Bandarra estar escrito que “a fé será exaltada”. Segundo ele, pelo contrário, nunca houve tanto judaísmo em Portugal como neste período, tanto nas colônias como na metrópole portuguesa.³¹

D. João não poderia ser chamado de “Infante”, como se vê no texto de Vieira, pois:

Infantes são propriamente filhos de reis, o que ele não era. Nem se lhe podia acomodar este nome por bisneto de um Infante, senão que este nome, tomando-o em larga significação, compreende todas as pessoas supremas, como reis, príncipes e outros descendentes de reis.³²

Este termo seria bem mais apropriado para caracterizar D. Sebastião. Profetizando em verso, com a sua habilidade de poeta, Bandarra teria se referido como “Infante” a D. Sebastião, “pois nele havia maior razão para se lhe acomodar este nome que a El-Rei D. João, a quem só parece que o especifica com o nome próprio”.³³

Outro ponto da trova de Bandarra, considerado importante pelo autor anônimo, que também é referenciado por Vieira em sua carta é: “Não tema o Turco, não, nesta sezão, etc.”³⁴ A intenção parecia ser esclarecer que os turcos não precisavam temer uma invasão de D. João no tempo da aclamação, já que isto se guarda para o momento de sua ressurreição.³⁵ Mais uma

vez o autor anônimo contraria Vieira, dizendo que esta estrofe de Bandarra se aplicaria muito melhor a um rei que pudesse estar naturalmente vivo do que a um morto (em novembro de 1656), há mais ou menos seis anos, e ainda mais estará quando nele se verificar o que diz o expositor. O nome de “Rei Novo”, dado ao Encoberto, prossegue o anônimo, aquele que subjugaria o Turco e faria as grandes conquistas, não poderia ser dado a D. João IV, que já fora rei há alguns anos. “*E se a ele se pode acomodar este nome por ressuscitado, com a mesma propriedade se poderá também acomodar também ao outro – aparecido –, depois de oitenta anos de perdido*”.³⁶

Tanto Antônio Vieira quanto Nicolau Bourey fazem menção ao ano de 1666 como o ano dos “grandes acontecimentos” em Portugal, conforme a seguinte trova de Bandarra: “Porque haveis de notar e assentar que, aprazendo ao Rei dos Céus, trará por ambas as Leis; e nestes seis vereis cousas de se espantar”³⁷. Bourey argumenta que estes misteriosos “seis” são mencionados no texto de Bandarra por três vezes³⁸, e os interpreta como o ano de 1666, em que se podia esperar ou a ressurreição de D. João IV ou a destruição completa da Casa Otomana.³⁹ Porém, o autor do *Ante-Vieira* mostra que Bandarra, antes de falar de anos, discursava muito mais sobre reis e não percebera nada de incomum nos anos da década de 1660, tão esperada por Vieira:

Por onde se vê que o Bandarra falou só de pessoas, e que o perigo havia de ser, ou a respeito do que teve el-Rei de Castela em lhe tirarem das unhas um tão bom reino de que estava de posse, ou que também fosse o açoute e castigo nas pessoas a quem se deu; e que falasse nelas, e não em terras.⁴⁰

Deste modo, a pessoa que sofria estes castigos, na visão deste autor, poderia ser muito bem D. Sebastião, uma vez que, em conformidade com a crença popular, no período, em Portugal, vagava pela África, fazendo orações e jejuns para pagar os

pecados cometidos por seu país, até o momento em que fosse determinada a sua volta como o Encoberto; aquele esperado e desejado pelo povo português.

O último argumento deste anônimo defendido com fervor e que, segundo ele, também refutava as teses defendidas por Vieira em sua tese sobre a ressurreição de D. João IV, dizia respeito às profecias de Nostradamus⁴¹, o Bandarra francês, conhecido em Portugal em seus vaticínios impressos em 1568, nos quais havia prognosticado vários fatos, entre eles a morte violenta do rei Carlos da Inglaterra.⁴²

Nostradamus diz que o Príncipe XVI gravará seu imortal nome sobre o pé da Cruz⁴³ no ano de 1660: a discussão girava em torno de quem seria este futuro Encoberto e quais as razões de sê-lo. O anônimo do *Ante-Vieira* elabora uma argumentação bem instigante dizendo que o referido Rei seria D. Sebastião, porque pela série real de sucessores de D. Afonso Henriques, ele seria o décimo sexto sem contradição alguma. O 1.º foi D. Afonso; o 2.º, seu filho, o Rei Sancho, o Povoador; o 3.º, o Rei D. Afonso, Segundo do nome, o Gordo; o 4.º, o Rei D. Sancho Segundo, seu filho, o Capelo; o 5.º, o Rei Afonso, o Terceiro, Conde de Bolonha, seu irmão; o 6.º, o Rei D. Dinis, seu filho, o Liberal; o 7.º, Rei D. Afonso Quarto, seu filho, o Bravo; o 8.º, Rei D. Pedro, seu filho, o Justiceiro; o 9.º, Rei D. Fernando, seu filho, o Remisso; 10.º, Rei D. João o Primeiro, seu irmão, o Invictíssimo; 11.º, Rei D. Duarte, seu filho, o Eloqüente; 12.º, Rei D. Afonso o Quinto, seu filho, o Africano; 13.º, Rei D. João o Segundo, seu filho, o Príncipe Perfeito; 14.º, Rei D. Manoel, seu primo, o Felicíssimo; 15.º, Rei D. João Terceiro, seu filho, o Piedoso; 16.º, Rei D. Sebastião, seu neto, o Magnânimo.⁴⁴

Décimo oitavo rei de Portugal pela série real, se não se contam, “por intrusos”, os três Filipes –, pela série genealógica, assegura-nos o autor, D. João será também a décima oitava geração do rei Afonso Henriques, seguindo a geração dos Duques de Bragança nesta ordem: a 10.ª, El-Rei D. João o Primeiro; a

11.^a, seu filho não legítimo, D. Afonso, 1.^o Duque de Bragança; a 12.^a, D. Fernando; a 13.^a, D. Fernando, Segundo do nome; a 14.^a, D. Jaime; a 15.^a, D. Teodósio; a 16.^a, D. João; a 17.^a, D. Teodósio, Segundo do nome; a 18.^a, D. João Quarto.⁴⁵

Assim, o autor afirma que o Rei D. Sebastião é a décima sexta geração de D. Afonso Henriques, tanto pela via genealógica, como pelo número de reis, “contando desde o primeiro até ele, sem interrupção de mais reis que seu pai, o Príncipe D. João, que não chegou a sê-lo”. Termina seu argumento explicando a seguinte frase de Nostradamus: “O Perdido será achado, e o Escondido de largo tempo será Pastor honrado”. O Perdido, em sua visão, foi certamente o Rei D. Sebastião na batalha de Alcáçar. Estava Escondido por largo tempo – já que não aparece há mais de oitenta anos –, muito tempo para aplicar-se tal estrofe a D. João IV, que havia poucos anos estava escondido debaixo da terra.⁴⁶

Porém, diferentemente do que se pode ter sugerido até aqui, Vieira também fora um sebastianista convicto, com opiniões até semelhantes àquelas do panfleto apócrifo. Dizemos isto com base, por exemplo, em um sermão inteiro que dedicou a São Sebastião, em 1634, quando se encontrava ainda na Bahia, e no qual, ao tratar do santo, Vieira, de forma não declarada, trata também da figura do rei. Segundo Jacqueline Hermann, é bastante plausível que manuscritos reveladores da crença sebástica, como as trovas de Bandarra, por exemplo, circulassem na Bahia desde 1591. “Levados por cristãos-novos fugidos de Portugal, foram localizados pela primeira visitaçã do Santo Ofício, traduzidos para o castelhano e intitulados *Trovas do Sapateiro de Trancoso que chamavam Bandarra*”. O Brasil era um dos lugares escolhidos pelas pessoas que preferiam abandonar o reino no tempo dos Felipes, o que provavelmente favoreceu a divulgação destas crenças, e talvez tenha instigado Vieira a iniciar sua exegese profética.⁴⁷

Este sermão foi pregado no dia de São Sebastião, mesma data do aniversário do rei. Vieira parte da diferenciação entre a bem-aventurança no céu e na terra e utiliza a dicotomia descoberto/

encoberto para introduzir a história e a glória de São Sebastião. O jesuíta dizia que, enquanto a bem-aventurança no céu é descoberta, na terra ela é encoberta da mesma forma que Deus, “encoberto debaixo dos trajés vis da pobreza, das nuvens tristes das lágrimas e dos horrores macilentos da fome”. Assim, andam no mundo encobertos os bem-aventurados e, segundo Vieira, deste modo viveu São Sebastião, o “Sebastião Encoberto”.⁴⁸

São Sebastião, especifica ele, foi encoberto na vida, na morte, na fé e nas obras. Na vida, “porque encobriu a realidade da vida debaixo da opinião da morte, assim como encobriu a verdade da fé com a política das obras”. Assim como os autores que criticariam Vieira acerca de seu joanismo, neste momento o próprio jesuíta também ignorava a morte de São Sebastião, com um argumento ainda mais requintado. Afirmava que os bárbaros e tiranos crêem em sua morte, enquanto os amigos e a Igreja lamentam por ela: mas o que importa que estivesse este santo morto na opinião dos descrentes, se estava vivo na realidade? O núcleo do argumento de Vieira está no questionamento de fatos supostamente verdadeiros, suposição embasada na ausência de indícios que os contrariem.⁴⁹

CONCLUSÃO

Após esta reflexão sobre o profetismo vieiriano e outros concorrentes, pensamos ser possível afirmar que as situações vivenciadas pelo jesuíta, enquanto elaborava seus escritos proféticos, refletiam-se na redação destes, inclusive nas diferenças entre eles. Destacamos pelo menos três momentos de “amadurecimento” da profecia de Vieira, de acordo com a situação vivida por ele. Um Vieira “inicialmente” visionário, enxergando, da mesma forma que outros autores, o Encoberto na figura de D. Sebastião. Nesta fase, baseava suas próprias previsões nas profecias de Bandarra, nas quais encontra mais indícios da volta de D. Sebastião do que da de qualquer outro rei, concordando neste ponto com o autor de *Ante-Vieira*. O segundo Vieira era extremamente

“grato” a D. João IV, que o promovera na corte e lhe permitira ser diplomata e pregador oficial do reino, além de ser seu amigo e confidente. Ainda que redigindo como visionário, tratava-se, acima de tudo, de um Vieira que legitimaria este rei como sendo o “Encoberto”. Por fim, um Vieira “realista”, que precisava escapar da Inquisição, mas não queria perder a sua exegese profética, nem se contradizer em momento nenhum para não sofrer uma pena muito pesada. Foi quando optou por D. Afonso como sendo o Encoberto, uma vez que D. João IV não ressuscitara como antes predito.

Com isso não queremos de forma alguma estabelecer três Vieiras completamente distintos, mas, como tantos outros estudiosos do jesuíta, mostrar que ele era um só: em um momento um jovem empolgado, iniciando a sua exegese profética, que o caracterizou como um visionário; em outro momento, um adulto que, sem abandonar sua tese, era grato àquele (D. João IV) que lhe fizera tão bem; por último, o momento de sua velhice, que o tornara mais sério e realista, mais preocupado em provar sua “verdade”, para não sofrer duras conseqüências, e também com um “restinho” de vontade de voltar a ter prestígio na corte, o que acabou se provando um esforço em vão.

Apesar das variações acima assinaladas, é importante realçar que, em todos os momentos da vida de Vieira, a questão profética foi fundamental e levada muito a sério, conforme pode ser averiguado em vários escritos nesta linha produzidos pelo jesuíta, nas mais diferentes etapas de sua longa vida e extensa produção literária. Por isso se torna importante para quem estuda Antônio Vieira entender melhor este debate acerca de suas interpretações das profecias e de outras que dialogavam com elas.

NOTAS

¹HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19.

²Idem, p. 23-24.

³É lícito observar que o primeiro texto escrito sobre o milagre de Ourique foi o de Duarte Galvão, publicado em 1505 com o título de *Crônica d'EL-Rei D. Afonso Henriques*.

⁴A edição aqui utilizada desta obra é a de José van den Besselaar, 2 vols. Munster: Aschendorffsche Verlagshandlung, 1976.

⁵Idem, p. 83-86.

⁶Idem, p. 134.

⁷O significado deste nome é homem de todo o mundo, de todo o orbe, daí a justificativa de que os portugueses conquistarão as quatro partes da terra, que se torna sinônimo de Portugal.

⁸PÉCORA, Alcir, *Teatro do Sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 234-235.

⁹Idem, p. 250.

¹⁰O jesuíta tendia a colocar o próximo rei desta dinastia portuguesa (desta linha sucessória) como sendo o Encoberto. Na medida em que os reis se sucediam, contudo, fez esta atribuição a D. João IV, a partir de 1641; a D. Afonso VI, a partir de 1664; a D. Pedro II e aos dois filhos deste, a partir de 1675.

¹¹PÉCORA, Alcir, *op. cit.*, p. 252-256.

¹²Entre estes autores, vale ressaltar que um intitulou seu papel como *Ante-Vieira* e o outro como *Opinião contrária à da ressurreição del-rei D. João IV*. Este último escrito não será abordado neste trabalho, pois parte de seu conteúdo está inserido no *Ante-Vieira*, que entendemos ser mais bem elaborado e mais compatível com as discussões por nós propostas.

¹³BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

¹⁴O'MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas*. São Paulo: Edusp; São Leopoldo: Unissinos, 2005.

¹⁵BESSELAAR, José van den, *op. cit.*, p. 36-37.

¹⁶Cf. o processo inquisitorial de Vieira, em Processos apartados, 1664, f. 2r.

¹⁷BESSELAAR, José van den, *op. cit.*, p. 37.

¹⁸Idem, p. 115.

¹⁹BANDARRA, Gonçalo Annes. *Bandarra descoberto nas suas Trovas*. Londres, W. Lewis, 1810, trova 99.

²⁰BOUREY, Nicolau: *Para os incrédulos da ressurreição del Rei D. João IV*. Ed. José van den Besselaar, *op. cit.*, p. 119.

²¹Esta cidade foi cercada em 1658, resultando na derrota dos castelhanos no início de 1659, durante a batalha das Linhas de Elvas.

²²VIEIRA, Antônio. *Esperanças de Portugal*. Ed. José van den Besselaar, 2002, p. 41-108.

²³BANDARRA, Gonçalo Annes, *op. cit.*, trova 85, 1-5.

²⁴BOUREY, Nicolau. *Para os incrédulos da ressurreição del Rei D. João IV*. Ed. José van den Besselaar, p. 122.

²⁵Idem, pp. 132-133.

²⁶VIEIRA, Antônio, *op. cit.*, 1976, p. 240-241.

²⁷PÉCORA, Alcir, *op. cit.*, p. 252.

²⁸BESSELAAR, José van den, p. 142.

²⁹Idem.

³⁰ANÔNIMO, *Ante-Vieira*. Ed. de José van den Besselaar, p. 148.

³¹Idem, p. 154.

³²Idem, p. 155

³³Idem.

³⁴BANDARRA, Gonçalo Annes, *op. cit.*, trova 87.

³⁵VIEIRA, Antônio. *Esperanças de Portugal*. Ed. de José van den Besselaar, p. 57-58.

³⁶ANÔNIMO, *Ante-Vieira*. Ed. de José van den Besselaar, p. 159.

³⁷BANDARRA, Gonçalo Annes, *op. cit.*, trova 100, 6-11.

³⁸Bourey menciona duas outras passagens nas trovas de Bandarra onde são mencionados estes “seis”.

³⁹BOUREY, Nicolau: *Para os incrédulos da ressurreição del Rei D. João IV*. Ed. José van den Besselaar, p. 126-127.

⁴⁰ANÔNIMO, *Ante-Vieira*. Ed. de José van den Besselaar, p. 166.

⁴¹Sobre Nostradamus e a versão portuguesa de suas profecias, encontrada nos livros dos sebastianistas, ver: BESSELAAR, José van den, *op. cit.*, nota complementar 15.

⁴²ANÔNIMO, *op. cit.*, p. 201.

⁴³O número dezesseis foi escolhido tendo por base o “Juramento de D. Afonso Henriques”, correspondendo à “décima sexta geração” da qual fala o Rei.

⁴⁴ANÔNIMO, *op. cit.*, p. 202.

⁴⁵Idem, p. 202-203.

⁴⁶Idem, p. 204.

⁴⁷HERMANN, Jacqueline, *op. cit.*, p. 227.

⁴⁸Este sermão foi pregado na igreja de São Sebastião, Accupe, termo da Bahia. *Coleção dos Principais sermões que pregou o Padre Antônio Vieira, da Companhia de Jesus, dedicada a santo Antônio de Lisboa, e oferecida a Antônio Martins, homem de negócio nesta corte por Dionísio Teixeira de Aguiar; familiar do Santo Ofício* (1754).

⁴⁹HERMANN, Jacqueline, *op. cit.*, p. 228.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antônio Vieira*, 2 vols. Lisboa: Livraria Clássica, 1931.

ANÔNIMO. *Ante-Vieira*. In: BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002, p. 139-220.

BANDARRA, Gonçalo Annes. *Bandarra descoberto nas suas Trovas*. Londres: W. Lewis, 1810.

BESSELAAR, José van den. “Antônio Vieira e Sua História do Futuro”. *Minerva*, Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa, 3, 1969.

_____. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

BOUREY, Nicolau. *Para os incrédulos da ressurreição del Rei D. João IV*. In: BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polêmica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002, p. 109-137.

CANTEL, Raymond: *Prophetisme et Messianisme dans l'Oeuvre d'Antoine Vieira*. Paris: Ediciones Hispano-Americanas, 1960.

_____. *Les Sermons de Vieira. Études du style*. Paris: Ediciones Hispano-Americanas, 1959.

HERMANN, Jacqueline. *No Reino do Desejado: a construção do sebastianismo em Portugal nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HUNT, Lynn (org). *A Nova História Cultural*. tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LINS, Ivan. *Aspectos do P.^e Antônio Vieira*. 3.^a ed. Rio de Janeiro: Edição de Ouro, 1966.

MUHAMA, Adma Fadul. *Os Recursos Retóricos na Obra Especulativa de Antônio Vieira*. Dissertação de mestrado de literatura brasileira, USP, Serviço de Apoio Didático, 1989.

O'MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas*. São Paulo: Edusp; São Leopoldo: Unisinos, 2005.

PAZ, Octavio. *Soror Juana Inés de la Cruz*. São Paulo: Mandarim, 1998.

PÉCORA, Antônio Alcir Bernárdez. *Teatro do sacramento. A unidade teológico-retórico-política dos sermões de Antônio Vieira*. São Paulo: Edusp, 1996.

SARAIVA, Antônio José. *O Discurso engenboso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

VIEIRA, Antônio. *Esperanças de Portugal*. In: BESSELAAR, José van den. *Antônio Vieira: profecia e polémica*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002, p. 41-